



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA: INFÂNCIA

**ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA EM ESTUDANTES DO 1º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ANA PAULA DE FRAGA GOULART  
ORIENTADOR: PROF. DR. MARCIO PEZZINI FRANÇA

Porto Alegre, 22 de Outubro de 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA: INFÂNCIA

**ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA EM ESTUDANTES DO 1º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ANA PAULA DE FRAGA GOULART

Orientador: Prof. Dr. Marcio Pezzini França

Requisito parcial para a conclusão do Curso de  
Especialização em Fonoaudiologia: Infância.

Porto Alegre, 22 de Outubro de 2013.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Atair de Fraga Goulart, que não mede esforços para me ajudar sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me fortalece e me ilumina nessa caminhada da vida,  
Ao meu orientador Prof.Dr.Marcio Pezzini França,  
Aos meus pais, Atair e Coracy, pelo apoio e amor de sempre,  
Ao meu marido Jailson e filho Gustavo pela paciência,  
E a todos que de um jeito ou outro me ajudaram nesse trabalho.

## SUMÁRIO

Lista de Tabelas	
Lista de Abreviaturas e Siglas	
ARTIGO ORIGINAL.....	8
Resumo.....	9
Abstract .....	9
Introdução .....	10
Métodos .....	13
Resultados .....	15
Discussão .....	16
Conclusão .....	19
Referências.....	20
Tabelas .....	23
ANEXOS	
Anexo A: Ditado balanceado para 1 <sup>a</sup> ano	
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Instituição	

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Média e Desvio padrão das hipóteses de escrita entre escolas privadas e públicas.....	23
Tabela 2- Comparação da escrita de palavras em nível alfabético entre escolas privada e pública.....	23
Tabela 3- Regressão logística para 5 ou mais palavras em nível alfabético.....	24
Tabela 4- Análise descritiva da frequência de palavras escritas em nível alfabético.....	24
Tabela 5- Cálculo da chance (Odds Ratio) de uma criança escrever pelo menos 5 palavras em nível alfabético.....	25

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEFAC: Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica

MEC: Ministério da Educação e Cultura

**Estudo sobre o desenvolvimento da escrita em estudantes do 1º ano do ensino fundamental**

**Study about development of writing for student 1º year of the basic instruction**

**Título resumido: Desenvolvimento da escrita**

(1) Ana Paula de Fraga Goulart, (2) Marcio Pezzini França, (3) Roberta Silva Araújo, (4) Roger Keller Celeste

(1) Fonoaudióloga. Pós-graduanda em Fonoaudiologia, ênfase Infância pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre, RS – Brasil;

(2) Fonoaudiólogo. Professor adjunto do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre, RS – Brasil. Doutor em Ciências Médicas;

(3) Fonoaudióloga. Pós-graduanda em Fonoaudiologia, ênfase Infância pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre, RS – Brasil;

(4) Cirurgião-Dentista. Professor adjunto do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre, RS – Brasil. Doutor em Saúde Coletiva: Epidemiologia;

Ana Paula de Fraga Goulart  
Rua Dolores Duran,357 – Agronomia, Porto Alegre – RS  
CEP: 91549-220  
[anafono.goulart@gmail.com](mailto:anafono.goulart@gmail.com)

Área: Fonoaudiologia Escolar, Linguagem Escrita ou Saúde Coletiva.

Tipo de manuscrito: Artigo original de pesquisa;

Conflitos de interesse: Inexistentes;

## RESUMO

**OBJETIVO:** Descrever o perfil esperado de escrita em crianças do 1º ano do ensino fundamental no currículo de 9 anos, a fim de contribuir para o planejamento de professores, fonoaudiólogos e todos os profissionais envolvidos com as séries iniciais com base em uma investigação de hipóteses de escrita, conforme Ferreiro e Teberoski (1986). **MÉTODO:** Estudo descritivo realizado por meio da aplicação de ditado em duzentos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública e privada. **RESULTADOS:** Na comparação da hipótese alfabética entre as duas escolas, 77,60% das crianças de escola privada concluem alfabéticas o 1º ano, enquanto apenas 48,80% saem nessa condição da escola pública; em geral, 12,2% das crianças do 1º ano no Ensino Fundamental do currículo de 9 anos chegam ao final do ano letivo sem apresentar correspondência fonema- grafema, ou seja, deixam em branco ou escrevem em nível pré-silábico, sendo que a média dos que deixaram em branco e dos pré-silábicos soma 17% na escola pública, enquanto que na escola privada apenas 6,30%. **CONCLUSÃO:** Com base nos resultados apresentados nesse estudo concluiu-se que os escolares do 1º ano apresentaram ao final do ano letivo, uma variabilidade de hipóteses de escrita. Portanto, após comparação entre instituição pública e privada, a maioria das crianças de escolas públicas ingressa no 2º ano sem apresentarem etapa alfabética da escrita, o que não ocorre na escola privada.

**Descritores:** alfabetização; linguagem escrita; hipóteses de escrita; fonoaudiologia

---

## ABSTRACT

**PURPOSE:** Describe the expected pattern of children writing in the 1st year of elementary school in the curriculum of nine years, in order to contribute to the planning of teachers, speech therapists and all professionals involved in the initial series based on a research of writing hypothesis, as Ferreiro and Teberoski (1986). **METHOD:** Descriptive study through the application of dictation in two hundred students in the 1st year of elementary public and private schools. **RESULTS:** Comparing the alphabetic hypothesis between the two schools, 77.60% of private school children complete alphabetic 1st year, while only 48.80% leave public school in this condition, in general, 12.2% of children from 1st year in elementary school curriculum of nine years reach the end of the school year without presenting phoneme-grapheme correspondence, that is, leave blanks or write in the pre-syllabic level, and the average of those who left in blank and pre-syllabic students sum 17% in public school, while private school only 6.30%. **CONCLUSION:** Based on the results presented in this study it was concluded that the students of 1st year presented by the end of the school year, a variability of writing hypothesis. Therefore, after comparing public and private institution, the majority of public school children enter the 2nd year without presenting alphabetical writing stage, which does not occur in the private school.

**Keywords:** literacy, writing language, writing hypothesis; speech therapy

## INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem oral depende de questões orgânicas e funcionais para o seu adequado desenvolvimento, este fator também é fundamental para o desenvolvimento da leitura e escrita. A aquisição do sistema fonológico na criança é um fator essencial para o desenvolvimento da linguagem escrita e que se ocorrer uma desorganização fonológica nessa etapa, é bem provável que a linguagem escrita também estará desorganizada<sup>1</sup>. Por isso, são cada vez maiores os esforços em investigar os fatores subjacentes ou relacionados às dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita<sup>2</sup>.

Para a aprendizagem da escrita é necessário viver numa sociedade que possua acesso ao letramento, pois essa aprendizagem não depende somente de habilidades individuais da pessoa, mas também de boas e suficientes condições sociais e educacionais, caso não sejam favoráveis podem comprometer essa aquisição<sup>3</sup>. Na trajetória do desenvolvimento normal, as crianças adquirem a linguagem naturalmente, sem a necessidade de os pais fazerem planos especiais de aprendizagem da mesma. É esperado que as crianças do nascimento aos 5 anos de idade passem de maneira uniforme, rotineira e fácil pelos estágios de emitir e entender os sons, palavras individuais, combinações simples e por fim sentenças completas<sup>4</sup>. A fala se relaciona com a linguagem assim como o pensamento se relaciona com o conhecimento. Não podendo separá-los, pois fala, linguagem, pensamento e conhecimento fazem parte de um quadro maior que é a comunicação<sup>5</sup>.

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão, mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações<sup>6</sup>.

Quando chega a um determinado estágio do desenvolvimento, a criança troca a função de ouvinte dos textos narrados pelos adultos e torna-se o criador de sua própria escrita e leitura<sup>7</sup>. Para que este processo siga seu ciclo, o autor<sup>8</sup> reforça que a criança deve ter adquirido a consciência de que as palavras são compostas por sons, e estes, por sua vez, são expressos pelas letras no momento da escrita. Além do aparelho auditivo íntegro, são necessárias habilidades auditivas adequadas para que a criança identifique as minúcias que compõe a língua falada<sup>9</sup>. Estes pré-requisitos servirão de base para a aquisição de outros sistemas linguísticos, como vocabulário, por exemplo, sendo responsável pelo processo de aquisição da linguagem.<sup>10</sup>

O letramento embora dependa da alfabetização ele pode ser praticado na educação infantil por crianças ainda não alfabetizadas. A educação infantil pode ser o segmento escolar responsável por letrar antes de alfabetizar, preparando o caminho para que a alfabetização se dê de forma letrada. Em crianças de baixa renda vindas de contexto familiar sem hábitos de leitura e escrita é provável que o ambiente pré-escolar seja o primeiro contato com o mundo letrado da qual elas participam.<sup>11</sup>

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança – e também do adulto analfabeto – no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse

sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita e o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento<sup>12</sup>.

É preciso compreender que a evolução da escrita espontânea da criança passa por hipóteses que são construídas por elas, estudadas como a psicogênese da escrita<sup>13</sup>. Conforme as autoras, os aprendizes passam por quatro etapas nos quais têm diferentes hipóteses: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No período pré-silábico, inicialmente, ao distinguir desenho de escrita, a criança começa a produzir rabiscos, bolinhas, garatujas que ainda não são letras. Com o passar do tempo, as palavras do cotidiano são frequentemente observadas e a escrita do seu próprio nome é estimulada. Assim, passa a usar letras, porém sem estabelecer relação entre fonema e grafema. Nessa etapa, pode apresentar o que chamamos de realismo nominal, que consiste em pensar que coisas grandes precisam ser escritas com muitas letras e que coisas pequenas seriam escritas com poucas letras.

No período silábico, ocorre uma mudança. Inicialmente, ela ainda não planeja, quantas e quais letras vão colocar para cada palavra, mas está buscando fazer coincidir as sílabas orais que pronuncia com as letras que colocou no papel. Nessa fase a criança percebe que o que ela coloca no papel tem a ver com as partes orais que pronuncia quando fala. Tendem a colocar uma letra para cada sílaba pronunciada que podem ter ou não ter valor sonoro.

No período silábico-alfabético, a criança percebe que o que ela escreve tem a ver com os pedaços sonoros das palavras. Ao escrever uma palavra, ora a criança coloca duas ou mais letras para uma sílaba, ora volta a pensar conforme a hipótese silábica e põe apenas uma letra para uma sílaba inteira. Por fim, no período alfabético, a criança escreve ainda com erros ortográficos, mas já faz a correspondência fonema-grafema adequadamente.

Mesmo observando que existe um cenário descrito pelo desenvolvimento infantil, que se reconhece exigir um conjunto de habilidades para o ensino formal das letras, ao qual se denomina prontidão para alfabetização<sup>14</sup>, o Brasil realizou uma reforma no sistema escolar: a implantação do Ensino Fundamental de 09 anos. Os documentos do MEC<sup>15,16</sup> demonstram que as pretensões para essa mudança, entre outras, foram: aumentar o número de crianças incluídas na escola, atingindo inclusive aquelas que estavam fora dela; uniformizar o sistema de educação básica no país em relação a duração do ensino; igualar o sistema de ensino brasileiro aos do Mercosul; equiparar as oportunidades educacionais entre crianças de baixa à alta renda; aumentar o tempo de permanência na escola e o sucesso no aprendizado

Atualmente um número muito elevado de crianças, tanto de escolas públicas como de privadas, estão apresentando situações de fracasso escolar em razão das dificuldades para aprender a ler e escrever. Deve-se encarar o fato, de que muitas propostas educacionais, podem não estar dando conta, plenamente, de se apresentarem como meios realmente eficientes e adequados às necessidades e características das crianças que ingressam no ensino fundamental um ano mais cedo<sup>17</sup>. No Brasil, muitas pesquisas têm fornecido evidências de que um número importante de crianças finaliza os anos iniciais do Ensino Fundamental sem competências básicas em linguagem escrita.<sup>18,19</sup>

Portanto, diante das questões apresentadas acima sobre o desenvolvimento da linguagem, aprendizagem e letramento/alfabetização, consciência fonológica,

prontidão para a alfabetização, fracasso escolar e a mudança do currículo para 9 anos, vê-se a necessidade de traçar novos parâmetros, a fim de que se possa avaliar qual hipótese de escrita é usada pelas crianças desse novo 1º ano do Ensino Fundamental, após reforma curricular de 09 anos. Essa pesquisa investigou a hipótese de escrita de alunos do 1º ano do ensino fundamental ao final do primeiro ano letivo, comparou os dados coletados entre escola pública e privada, além de observar o desenvolvimento da escrita entre os gêneros masculinos e femininos.

## MÉTODOS

Para atingir os objetivos, foi desenhado um estudo transversal para descrever a frequência das hipóteses de escrita. Esta pesquisa foi realizada com uma amostra de 100 alunos do 1º ano de escolas públicas e 100 alunos de 1º ano de escolas privadas de Porto Alegre/RS e cidades próximas. O perfil socioeconômico da escola pública variou de classe baixa à média baixa e das escolas privadas de classe média. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP-Psicologia/UFRGS com o número de protocolo 184.099.

O primeiro contato com as instituições serviu para explicar como se realizaria a pesquisa. A direção de cada escola autorizou e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa coleta ocorreu em data previamente agendada, no trimestre final do ano letivo. O procedimento de coleta consistiu da aplicação de um ditado de 10 palavras representando por imagens com espaço para a escrita das palavras. A folha fornecida permitia a identificação do gênero da criança e foram distribuídas para todas as crianças com a seguinte ordem: uma a uma, o pesquisador falava o nome de cada figura, que era repetido pelas crianças e, somente após, iniciavam a escrita das mesmas. O ditado foi realizado na presença do professor e o tempo de aplicação foi em média de 20 minutos para cada turma. Os dados coletados foram avaliados por uma equipe de especialistas fonoaudiólogos, que após concordância, realizavam a digitação dos dados.

Foram excluídas da amostra crianças que não se encontravam em sala de aula nesse dia e aqueles alunos que, segundo informações da escola, apresentam importante comprometimento neuropsicomotor que afetasse a linguagem/aprendizagem.

As palavras selecionadas para o ditado foram as seguintes e nessa ordem: faca, uva, flor, carro, gato, pé, cachorro, bola, sapo e sofá. A escolha das palavras do ditado foi selecionada levando em consideração o vocabulário para a idade, o pleno conhecimento da pronúncia e significado, em detrimento a questões relacionadas à estrutura morfológica das palavras. Não foi realizada avaliação prévia do vocabulário das crianças.

Para a análise das respostas obtidas, as palavras foram classificadas pelas hipóteses de escrita.<sup>13</sup> Essa classificação se divide em: período pré-silábico, inicialmente, ao distinguir desenho de escrita, a criança começa a produzir rabiscos, bolinhas, garatujas que ainda não são letras. Com o passar do tempo, as palavras do cotidiano são frequentemente observadas e a escrita do seu próprio nome é estimulada. Assim, passa a usar letras, porém sem estabelecer relação entre fonema e grafema. Nessa etapa, pode apresentar o que chamamos de realismo nominal, que consiste em pensar que coisas grandes precisam ser escritas com muitas letras e que coisas pequenas seriam escritas com poucas letras.

No período silábico ocorre uma mudança. Inicialmente, ela ainda não planeja, quantas e quais letras vão colocar para cada palavra, mas está buscando fazer coincidir as sílabas orais que pronuncia com as letras que colocou no papel. Nessa fase a criança percebe que o que ela coloca no papel tem a ver com as partes orais que pronuncia quando fala. Tende a colocar uma letra para cada sílaba pronunciada que podem ter ou não ter valor sonoro.

No período silábico-alfabético, a criança percebe que o que ela escreve tem a ver com os pedaços sonoros das palavras. Ao escrever uma palavra, ora a criança coloca duas ou mais letras para uma sílaba, ora volta a pensar conforme a hipótese silábica e põe apenas uma letra para uma sílaba inteira. Por fim, no período

alfabético, a criança escreve ainda com erros ortográficos, mas já faz a correspondência fonema-grafema adequadamente.

Esses dados foram lançados em tabela Excel, divididos na seguinte ordem de classificação: deixados em branco, pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Após foi realizado análise descritiva com auxílio do pacote estatístico SPSS, onde foram feitas análise descritiva, utilizando média e desvio-padrão, regressão logística, teste de Mann-Whitney, Qui-quadrado e Odds Ratio.

## RESULTADOS

A Tabela 1 mostra os valores de média, desvio padrão e a significância estatística para cada hipótese de escrita entre alunos de escola pública e privada.

A Tabela 2 apresenta o cálculo do Qui-quadrado apenas para comparar as palavras cuja hipótese de escrita era em nível alfabético, entre alunos de escola pública e privada. A análise por regressão logística permitiu observar que as crianças de escolas privadas tem 5 vezes mais chances de estarem no nível alfabético (OR).

A Tabela 3 apresenta regressão logística para analisar a possibilidade de associação de variáveis com crianças que apresentam 5 ou mais hipóteses de escrita em nível alfabético.

A Tabela 4 mostra a descrição da frequência de palavras em hipóteses de escrita de nível alfabético, comparando crianças oriundas de escola pública e privada.

A Tabela 5 apresenta o cálculo de chance de uma criança escrever pelo menos 5 palavras em nível alfabético, a partir de regressão logística.

## DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo, de uma forma específica contribuíram para evidenciar que 12,2% das palavras escritas por estudantes do 1º ano no Ensino Fundamental do currículo de 9 anos no final do ano letivo não apresentam correspondência fonema-grafema, ou seja, são deixadas em branco ou escritas em nível pré-silábico. Ao comparar a mesma questão, a escola pública teve um maior número de palavras escritas sem essa correspondência do que na escola privada. A média dos que deixaram em branco e dos pré-silábicos soma 17% na escola pública, enquanto que na escola privada apenas 6,30%. Nesse sentido vale a pena fazer uma reflexão sobre as políticas públicas atuais para alfabetização que, ao privilegiarem as práticas pedagógicas para o uso e função da linguagem escrita, muitas vezes esquecem-se da importância de trabalhar com reflexões e sistematização do código alfabético.<sup>20</sup> A criança em processo de alfabetização para se chegar à descoberta do fonema deve adquirir e desenvolver a consciência fonológica, que se trata da competência metalinguística que possibilita o acesso consciente ao nível fonológico da fala e à manipulação cognitiva das representações neste nível<sup>21,22,23</sup>. Castelo<sup>8</sup> afirma que as crianças precisam adquirir a consciência de que palavras são compostas por sons e que estes são expressos por letras no momento que escrevemos. No mesmo sentido, Lucas<sup>24</sup> corrobora que a consciência fonológica e a nomeação rápida têm influência no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Barrera e Maluf<sup>25</sup> investigaram a influência das habilidades metalinguísticas de consciência fonológica, lexical e sintática na aquisição da linguagem escrita em crianças de 1ª série do Ensino Fundamental. Os resultados revelaram melhor desempenho em leitura e em escrita ao final do ano letivo em crianças que iniciaram o processo de alfabetização com níveis superiores em habilidades metalinguísticas. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de implantar programas de estimulação da consciência fonológica desde a educação infantil através de atividades lúdicas, músicas, rimas, e os professores de educação infantil deveriam ser capacitados para isso. Pesquisas<sup>26,27</sup> têm evidenciado que jogos e atividades metalinguísticas, como músicas, poemas e pistas letra-som, colaboram para o desenvolvimento da consciência fonológica e conhecimento alfabético. De maneira geral, o treino em consciência fonológica anterior à instrução formal em leitura facilita a mesma e o desenvolvimento ortográfico – e o benefício parece ser em longo prazo.

Como demonstrado nos resultados, as crianças oriundas de escolas públicas apresentaram uma maior variabilidade de hipóteses de escrita no 1º ano, sendo que menos da metade das crianças estão em etapa alfabética (48,8%) e, ao comparar com as de escola privada, há uma significativa diferença, pois, 77,6% estão em nível alfabético. Isso é explicado por alguns especialistas da Educação Infantil, que ao iniciar a alfabetização precocemente, principalmente com crianças de camadas sociais mais desfavorecidas, que não freqüentaram pré-escola e nem tiveram ambiente e recursos para uma cultura de letramento em casa, pode afetar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Afinal, a essas crianças foram negadas oportunidades de vivenciar experiências e desenvolver habilidades cruciais para o sucesso do início da escolarização. Uma das indagações que levam a pensar sobre um processo mais lento de alfabetização é se que o 1º ano do ensino fundamental não se transformou numa etapa da educação infantil para aqueles que não vivenciaram a pré-escola. Esse é um risco para um conseqüente retardo do

início do processo de aquisição de leitura e escrita justamente das crianças oriundas de nível socioeconômico e social mais baixo<sup>28</sup>.

Na tabela 3, novamente se confirma a diferença significativa nos resultados entre escola privada e pública, onde menos da metade dos alunos de escola pública apresentam 5 ou mais palavras em hipótese alfabética comparando com o privado que chegou a 82% dos alunos.

Na análise do número de palavras escritas em nível alfabético, apresentados na Tabela 4 observou-se que na escola pública há decréscimo do número de alunos em relação evolução dos níveis de hipótese de escrita. Por outro lado, na escola privada houve uma tendência crescente em relação ao número de alunos.

A Tabela 5 demonstra ainda mais, pois revela que um aluno da escola privada tem 5 vezes mais chance de chegar ao final do 1º ano escrevendo pelo menos cinco palavras em nível alfabético, do que um aluno de escola pública.

Por outro lado, embora o letramento dependa da alfabetização, sabe-se que é possível que a criança seja inserida nele durante a educação infantil mesmo que ainda não alfabetizada. A educação infantil pode ser o primeiro passo no caminho para que a alfabetização ocorra de forma letrada nos anos iniciais. Infelizmente em crianças de baixa renda vindas de contexto familiar sem hábitos de leitura e escrita é provável que o ambiente pré - escolar seja o primeiro contato com o mundo letrado da qual elas participam<sup>29</sup>.

Na literatura<sup>30</sup> estão descritas quatro visões diferentes sobre o conceito de prontidão: a visão maturacionista, a visão contextualista, a visão sócio-construtivista, e a visão interacionista. A visão maturacionista determina que “a criança está pronta quando estiver pronta”, considerando que o processo de desenvolvimento não pode ser acelerado de nenhuma forma. Esse processo está dentro da criança, como que um “relógio interno” que determinará o momento em que ela estará pronta para a escola e para aprender. Do ponto de vista contextualista, a prontidão da criança é revelada pelos seus comportamentos, e existe um foco exclusivo nas evidências externas de aprendizagem. De acordo com esta concepção, pode-se considerar que perante inúmeros ambientes pré-escolares também se terá uma grande variabilidade de “estados de prontidão”. Não é considerado o potencial de aprendizagem de cada criança; e é através de testes e checklists que se irá verificar se esse estado foi, ou não, atingido. A visão sócio-construtivista defende que a prontidão é um conceito construído socialmente, que está imbuída no contexto social que a criança está. As crenças, expectativas, as percepções e experiências daqueles que estão envolvidos na escola e na comunidade em que a escola existe, são quem fortemente determina a prontidão escolar nesse contexto. Ter-se-á, portanto, uma definição de prontidão que varia de contexto para contexto, e que retira da criança o foco como indivíduo, centrando-se nas exigências e recursos que o contexto apresenta. De acordo com a perspectiva interacionista, que engloba elementos de todas as visões anteriormente apresentadas, a prontidão é concebida como uma interação entre as características da criança e as características do meio em que vive (a sua família, grupo de pares, escola, professores, comunidade em geral). A prontidão é, portanto, encarada no âmbito dos relacionamentos, não fazendo sentido analisar unicamente a criança ou os restantes intervenientes sem considerar as relações entre eles (o que implica que seja feita uma avaliação ao longo do tempo, para permitir o estabelecimento de relações).

O conceito de prontidão, ou preparação escolar, historicamente tem sido compreendido de duas maneiras: prontidão para aprender e prontidão para a escola. Prontidão para aprender é entendida como o nível de desenvolvimento no qual a

criança é capaz de aprender algo, e prontidão para a escola indica que a criança é apta a ter sucesso em um ambiente tipicamente escolar. Os dois conceitos formulam o que seria prontidão escolar. Na transição para o primeiro ano, a criança é tomada de desafios, de tarefas de desenvolvimento a serem cumpridas, ou seja, de uma série de atividades, tais como: o desempenho escolar, o ajustamento no novo ambiente e a capacidade de formar amizades, entre outras.<sup>31</sup>

Para Kramer<sup>32</sup> incluir crianças 01 ano mais cedo nas séries iniciais exige um maior diálogo institucional e pedagógico entre educação infantil e fundamental, tanto dentro da própria escola como com outras escolas, estabelecendo alternativas curriculares claras entre elas.

Também sabe-se que muitas escolas não estão preparadas adequadamente para receber alunos com essa idade, tanto em termos de mobiliário, materiais e equipamentos didáticos. Resumindo, por ser uma decisão de política educacional irreversível, somente cabe aos educadores decidir o que fazer com elas<sup>28</sup>.

Conjuntamente com diálogo entre as instituições é necessária ao docente uma sólida formação inicial ao mesmo tempo em que destaca a importância do processo de capacitação continuada passando a conceber a alfabetização e o letramento, que embora tenham conceitos distintos, como ações indissociáveis – em outras palavras o docente deve ser qualificado de maneira a ser capaz de alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que os alunos se tornem, ao mesmo tempo, alfabetizados (sendo capazes de fazer uso efetivo da leitura e da escrita)<sup>33</sup>. Muitos autores reconhecem e compartilham da mesma idéia de que há a necessidade de maior e mais profunda apropriação das contribuições do campo de estudos das habilidades metafonológicas por parte dos educadores, em especial, aqueles que trabalham na área da alfabetização.<sup>34,19.</sup>

Diante de todo o quadro de reforma curricular atual, emerge uma angústia entre pais e escola, por um lado percebe-se que os professores não estão preparados para lidar com diferentes níveis de desenvolvimento e competências das crianças e por outro os pais não sabem o que esperar em termos de aprendizagem de seu filho ao final do 1º ano. Fica assim o questionamento: Pergunte ao pai, qual a expectativa dele quanto ao que é esperado de ensino-aprendizagem no final do 1º ano escolar de seu filho? Faz-se necessário definir um perfil de saída de cada etapa de ensino e assegurar esforços para compreender os processos de construção de conhecimentos das crianças e adolescentes. Assim, como aponta Nery<sup>34</sup>, é fundamental que os professores e a equipe pedagógica reflitam sobre o que deve ser priorizado em cada etapa de ensino e planejem como organizar o processo de aprendizagem das crianças e adolescentes.

Acredita-se que, um contato mais estreito entre as instituições de pré-escolar e as de 1º ano e o mesmo entre os pais dos alunos em transição com o professor do 1ºano um pouco antes do momento de mudança poderia minimizar as expectativas de ambos os envolvidos, tirando eventuais dúvidas e possibilitando assim que todos os intervenientes possam contribuir para o sucesso dos anos iniciais escolares.

## **CONCLUSÃO**

Com base nos resultados apresentados nesse estudo concluiu-se que os escolares do 1º ano apresentaram ao final do ano letivo, uma variabilidade de hipóteses de escrita. Portanto, após comparação entre instituição pública e privada, a maioria das crianças de escolas públicas ingressa no 2º ano sem apresentarem etapa alfabética da escrita, o que não ocorre na escola privada.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- 1.FRANÇA, MP, Wolff,CL, Moojen,S, Rotta, NT. Aquisição da linguagem oral: Relação e risco para a linguagem escrita. Arquivos de Neuropsiquiatria. 2004, 62(2-B): 469-472.
- 2.Salles, JF, Parente, MAMP. Relação entre desempenho infantil em linguagem escrita e percepção do professor. Cad. Pesqui. [online]. 2007, vol.37(132): 687-709.
- 3.Moojen,S. A escrita ortográfica na escola e na clínica: teoria, avaliação e tratamento.São Paulo:Casa do Psicólogo, 2011
- 4.Gerber, A. Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: Sua natureza e tratamento/ Adele Gerber...[ et al.]; trad. Sandra Costa. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, 52p.
- 5.Jakubovicz R, Leme M. Exercícios de Linguagem. Rio de Janeiro: Revinter, 2012, 1 p.
- 6.Mota HB, Melo Filha MGC. Habilidades em consciência fonológica de sujeitos após realização de terapia fonológica. Pró-Fono R. Atual. Cient. 2009;21(2):119-24.
- 7.Ferreiro, E, Teberosky, A. Psicogênese da Língua Escrita.Porto Alegre: Artes Médicas, 1999
- 8.Castelo, A. Competência Metafonológica e Sistema Não Consonântico no Português Europeu: Descrição, Implicações e Aplicações para o Ensino do Português como Língua Materna(. Dissertação de Doutorado em Linguística).Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.
- 9.Frota,S, Pereira, LD. Processos temporais em crianças com déficit de consciência fonológica. Madrid :ed.Revista Iberoamericana de Educación, 2004.
- 10.Vidor, DCGM. Aquisição léxica por crianças falantes de português brasileiro: discussão do fenômeno da explosão do vocabulário e da atuação da hipótese do viés nominal. Porto Alegre(RS) PUCRS; 2008.
- 11.Barros, MTA, Spinillo, AG.Contribuição da Educação Infantil para o letramento; um estudo a partir do conhecimento de crianças sobre textos. Psicologia: Reflexão e Crítica.2011;vol.24 (03) POA/2011
- 12.Soares, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Bras.Educ. nº25. Jan/Fev/Mar/Abr 2004
13. Ferreiro , E , Teberosky, A. A Psicogênese da Língua Escrita.Porto Alegre: Artes Médicas,1986
14. Andrada,EGC , Rezena,BS, Carvalho,GB, Benetti,IC. Fatores de risco e proteção para a prontidão escolar. Psicologia:Ciência e Profissão, 2008; Vol.28(3) :p.536

15. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Ampliação do ensino fundamental para nove anos: 3º relatório do programa. Brasília: Ministério da Educação, 2006a.
16. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006b.
- 17 Esteban, MT. Provinha Brasil: desempenho escolar e discursos normativos sobre a infância. *Revista de Ciências da Educação*, 2009; vol.09, pp 47-56. Acesso em: <http://sisifo.fpce.ul.pt>
18. Bimonti, R de P. A Importância da Consciência Fonológica na Educação Infantil. 2008. 43 f. volume 01. do Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem .CRDA; área de concentração: Pedagogia), 2008.
19. Diniz, NLB. Metalinguagem e Alfabetização: Efeitos de uma intervenção para recuperação de alunos com dificuldades na aprendizagem na linguagem escrita. 2008. Tese (Doutorado em Educação) . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
20. Maluf, MR, & Gombert, JE. Habilidades implícitas e controle cognitivo na aprendizagem da linguagem escrita. " In": Maluf , MR & Guimarães, SRK( Eds.), *Desenvolvimento da linguagem oral e escrita*. Curitiba: ed. UFPR; 2008. pp. 123-135.
21. Mota, M. *Desenvolvimento metalinguístico: questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2009.
22. Cavalheiro LG, Santos MS, Martinez, PC. Influência da consciência fonológica na aquisição de leitura. *Rev. CEFAC*. 2010; 12(6): 1009-16.
23. Moraes, AG, Silva, A. Consciência fonológica na Educação Infantil: Desenvolvimento de habilidades metalingüísticas e aprendizado da escrita alfabética. "In" Brandão, A C P, Rosa, EC de S(org). *Ler e Escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica,2010.p 73-92.
24. Lucas, S. *Leitura e Escrita: A importância da Consciência Fonológica e da Nomeação Rápida* (Tese de Mestrado em Psicologia) Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2013.
25. Barrera, SD, & Maluf, MR. Consciência metalinguística e alfabetização: Um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. 2003; *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3): 491-502.
26. Craig, SA. The effects of an adapted interactive writing intervention on kindergarten children's phonological awareness, spelling, and early reading development: a contextualized approach to instruction. *Journal of Educational Psychology*. 2006; 98(4): 714-731
27. Escalda J, Lemos, SMA, França CC. Habilidades de processamento auditivo e

consciência fonológica em crianças de cinco anos com e sem experiência musical. *J Soc Bras Fonoaudiol.* 2011; 23(3): 258-63.

28. Fontanive, N, Klein,R, Marino, L, Abreu, M, Bier, SE. A alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental de 9 anos: uma contribuição para a definição de uma Matriz de Competências e Habilidades de leitura, escrita e matemática. *aval.pol.públ.Educ.* 2010; vol.18 (68 ) Rj

29. Barros, MTA, Spinillo, AG. Contribuição da Educação Infantil para o Letramento: Um Estudo a Partir do Conhecimento de Crianças sobre Textos. *Psicologia: Reflexão e Crítica.* 2011; 24(3): 542-550

30. Dockett, S, Perry, B. (2002a). Beliefs and expectations of parents, prior-to-school educators and school teachers as children start school. Artigo apresentado na Conferência da Australian Association for Research in Education. Retirado de <http://www.aare.edu.au/02pap/doc02072.htm>.

31. Andrada, GC. O Treinamento de Suporte Parental (TSP) como fator de promoção do suporte parental e do desempenho escolar de crianças na primeira série. (Tese de Doutorado). Santa Catarina.Universidade Federal de Santa Catarina; 2007.

32.Kramer, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil é fundamental. *Educação e Sociedade.* 2006; v. 27( 96).

33. Sigwalt,CSB, Guimarães,SRK . Distintas Perspectivas do Processo de Ensino-Aprendizagem da Língua Escrita e a Formação do Alfabetizador. *Interação Psicol.* jul./dez ,2012; 16( 2), p. 327-337.

34. Nery, A. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: Brasil. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade. Brasília, DF: MEC, 2007. p. 109-135

## TABELAS

Tabela 1- Média e Desvio padrão das hipóteses de escrita entre escolas privada e pública

	MG(%)	<i>Escola Pública</i>		<i>Escola Privada</i>		p*
		Média(%)	DP(%)	Média(%)	DP(%)	
Deixou em branco	4,6	6,70	18,04	2,50	10,09	0,231
Pré-silábico	7,6	11,30	1,07	3,90	0,06	<0,001
Silábico	9,5	14,20	1,19	3,90	6,22	<0,001
Silábico-alfabético	15,65	19,10	1,38	12,20	1,10	<0,002
Alfabético	63,20	48,80	34,59	77,60	29,58	<0,001

\* Mann-Whitney,  $p < 0,05$ , IC 95%; MG=Média Geral

Tabela 2- Comparação da escrita de palavras em nível alfabético entre escolas privada e pública

Hipótese de Escrita	<i>Escola Pública</i>		<i>Escola Privada</i>		p*	OR
	Sim (%)	Não (%)	Sim (%)	Não (%)		
Alfabético	48,80	51,20	77,60	24,40	<0,001	5,13

\* Qui-quadrado,  $p < 0,05$ , IC 95%; OR=Odds Ratio

Tabela 3 – Regressão logística para 5 ou mais palavras em nível alfabético

		Crianças com >5 palavras em nível alfabético		Total		p*
		%	n	%	n	
Sexo	Masculino	61,4	62	100	101	0,353
	Feminino	67,7	67	100	99	
Escola	Pública	47,0	47	100	100	<0,01
	Privada	82,0	82	100	100	
Ao menos uma palavra em branco	Não	33,3	9	100	27	<0,01
	Sim	69,4	120	100	173	
Ao menos uma palavra em nível pré-silábico	Não	4,3	2	100	47	<0,01
	Sim	83,0	127	100	153	
Ao menos uma palavra em nível silábico	Não	27,1	19	100	70	<0,01
	Sim	84,6	110	100	130	
Ao menos uma palavra em nível silábico alfabético	Não	55,7	68	100	122	<0,01
	Sim	78,2	61	100	78	
Total		64,5	129	100	200	

\*p-valor no teste Chi-quadrado

Tabela 4 – Análise descritiva da frequência de palavras escritas em nível alfabético

Número de palavras em nível Alfabético	Públicas		Privadas		Total	
	%	n	%	n	%	n
0	77,3	17	22,7	5	100	22
1	83,3	5	16,7	1	100	6
2	71,4	10	28,6	4	100	14
3	75,0	9	25,0	3	100	12
4	71,4	5	28,6	2	100	7
5	70,0	7	30,0	3	100	10
6	62,5	10	37,5	6	100	16
7	37,5	6	62,5	10	100	16
8	50,0	10	50,0	10	100	20
9	50,0	11	50,0	11	100	22
10	18,2	10	81,8	45	100	55
Total	50,0	100	50,0	100	100	200

Tabela 5 – Cálculo da chance (Odds Ratio) de uma criança escrever pelo menos 5 palavras em nível alfabético

		<i>OR Bruto</i>			<i>OR Ajustado</i>		
			<i>IC 95%</i>			<i>IC 95%</i>	
Sexo	Masculino	1,0			1,0		
	Feminino	1,32	0,74	2,36	1,16	0,44	3,05
Escola	Pública	1,0			1,0		
	Privada	5,14	2,70	9,78	2,12	0,78	5,80
Ao menos uma palavra em branco	Não	1,0			1,0		
	Sim	4,53	1,91	10,73	10,71	2,73	42,08
Ao menos uma palavra em nível pré-silábico	Não	1,0			1,0		
	Sim	109,90	25,07	481,77	74,91	14,72	381,19
Ao menos uma palavra em nível silábico	Não	1,0			1,0		
	Sim	14,76	7,26	30,04	6,44	2,42	17,17
Ao menos uma palavra em nível silábico alfabético	Não	1,0			1,0		
	Sim	2,85	1,49	5,43	4,41	1,16	16,75

OR = Odds Ratio; IC = Intervalo de confiança

Nº  
Sexo:



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

## APÊNDICE A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acadêmicos e fonoaudiólogos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul estão desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de traçar o perfil ortográfico de alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas do sistema público e privado.

Os dados serão coletados por meio de ditado e produção textual (redação), adequados a cada ano escolar, com a presença do professor regente, durante atividade pedagógica, sem modificação do cenário. A duração prevista é de aproximadamente 30 minutos, com agendamento prévio.

As informações serão utilizadas para levantamento de resultados e conclusão da pesquisa, ficando assegurada privacidade e sigilo quanto à identidade dos sujeitos participantes. Além disso, todos têm liberdade de se recusar a participar, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Pelo presente termo, declaro que eu fui esclarecido de forma detalhada da justificativa, dos procedimentos e benefícios do presente projeto de pesquisa. Considero-me igualmente informado da garantia de receber resposta a qualquer dúvida ou esclarecimento que se façam necessários durante o seu desenvolvimento, bem como, de retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer prejuízo.

Estando ciente de todos os procedimentos relatados acima, livremente, aceito que a instituição de ensino, da qual sou diretor/coordenador, participe da pesquisa.  
Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---

Nome:

Instituição:

Se necessário o pesquisador responsável poderá ser contatado pelo Tel. 9122.0463

Prof. Dr. Marcio Pezzini França

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS

Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília – Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90035-003 - Fone: (51) 3308-5066

## **NORMAS REVISTA CEFAC**

A **REVISTA CEFAC, Speech, Language, Hearing Sciences and Education Journal** (Rev. CEFAC.), ISSN 1516-1846, indexada nas bases de dados LILACS, SciELO, BVS, Sumários.org, Gale, Eletronic Journals Service - Redalyc, ABEC, é publicada bimestralmente com o objetivo de registrar a produção científica sobre temas relevantes para a Fonoaudiologia e áreas afins. São aceitos para apreciação apenas trabalhos completos originais, preferencialmente em Inglês, também podendo ser em Português ou Espanhol; que não tenham sido anteriormente publicados, nem que estejam em processo de análise por outra revista. Caso aprovados, os artigos (tanto em língua estrangeira quanto na versão em português) deverão vir acompanhados de comprovante de que a tradução (língua estrangeira) e a correção (português) foram feitas por profissional habilitado. Inicialmente, a submissão poderá ser feita na versão em português, mas caso o artigo seja aprovado, o envio da versão em inglês é obrigatória. Podem ser encaminhados: artigos originais de pesquisa, artigos de revisão, comunicação breve e relatos de casos clínicos. Na seleção dos artigos para publicação, avaliam-se a originalidade, a relevância do tema e a qualidade da metodologia científica utilizada, além da adequação às normas editoriais adotadas pela revista. Os trabalhos que não respeitarem os requisitos técnicos e não estiverem de acordo com as normas para publicação não serão aceitos para análise e os autores serão devidamente informados, podendo ser novamente encaminhados para apreciação após as devidas reformulações. Todos os trabalhos, após avaliação técnica inicial e aprovação pelo Corpo Editorial, serão encaminhados para análise e avaliação de, no mínimo, dois pareceristas (peer review) de reconhecida competência no assunto abordado cujo anonimato é garantido durante o processo de julgamento.

Os comentários serão compilados e encaminhados aos autores para que sejam realizadas as modificações sugeridas ou justificadas em caso de sua conservação. Após as correções sugeridas pelos revisores, a forma definitiva do trabalho e a carta resposta comentando ponto a ponto as observações dos avaliadores, deverão ser encaminhadas por e-mail, em arquivo Word, anexado, para o endereço [revistacefac@cefac.br](mailto:revistacefac@cefac.br). Somente após aprovação final dos revisores e editores, os autores serão informados do aceite e os trabalhos passarão à sequência de entrada para publicação. Os artigos não selecionados receberão notificação da recusa e, não serão devolvidos.

É reservado ao departamento editorial da Revista CEFAC, o direito de modificação do texto, caso necessário e sem prejuízo de conteúdo, visando uniformizar termos técnicos e apresentação do manuscrito. Somente a Revista CEFAC poderá autorizar a reprodução em outro periódico dos artigos nela contidos. Nestes casos, os autores deverão pedir autorização por escrito à Revista CEFAC.

### **Envio do Manuscrito Para Submissão**

Os documentos deverão ser enviados à *REVISTA CEFAC – Speech, Language, Hearing Sciences and Education Journal*, de forma eletrônica: <http://www.revistacefac.com.br>; contato: [revistacefac@cefac.br](mailto:revistacefac@cefac.br), em arquivo Word anexado.

As confirmações de recebimento, contatos e quaisquer outras correspondências deverão ser encaminhados à Revista por e-mail.

## Tipos de Trabalhos

**Artigos originais de pesquisa:** são trabalhos destinados à divulgação de resultados inéditos de pesquisa científica, de natureza quantitativa ou qualitativa; constituindo trabalhos completos. Sua estrutura formal deve apresentar os tópicos: *Introdução (Introduction)*, *Métodos (Methods)*, *Resultados (Results)*, *Discussão (Discussion)*, *Conclusão (Conclusion)* e *Referências (References)*: Máximo de 40 referências constituídas de **70%** de artigos publicados em periódicos da literatura nacional e internacional, sendo estes preferencialmente dos últimos 5 anos. É recomendado: uso de subtítulos, menção de implicações clínicas e limitações do estudo, particularmente na discussão do artigo. Sugere-se, quando apropriado, o detalhamento do tópico “Métodos”, informando a aprovação do Comitê de Ética e o número do processo, o desenho do estudo, local onde foi realizado, participantes, desfechos clínicos de interesse e intervenção. O resumo deve ser estruturado com 250 palavras no máximo e conter os tópicos: *Objetivo (Purpose)*, *Métodos (Methods)*, *Resultados (Results)* e *Conclusão (Conclusion)*.

## Forma e preparação de manuscritos

As normas da revista são baseadas no formato proposto pelo *International Committee of Medical Journal Editors* e publicado no artigo: *Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals* versão de fevereiro de 2006, disponível em: <http://www.icmje.org/>

A Revista CEFAC apóia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do *International Committee of Medical Journal Editors* (ICMJE), reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e a divulgação internacional de informação sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Um ensaio clínico é qualquer estudo que atribua seres humanos prospectivamente a grupos de intervenção ou de comparação para avaliar a relação de causa e efeito entre uma intervenção médica e um desfecho de saúde. Os ensaios clínicos devem ser registrados em um dos seguintes registros:

*Australian Clinical Trials Registry* <http://actr.org.au>

*Clinical Trials* <http://www.clinicaltrials.gov/>

*ISRCTN Register* <http://isrctn.org>

*Netherlands Trial Register* <http://www.umin.ac.jp/ctr>

Os autores são estimulados a consultar as diretrizes relevantes a seu desenho de pesquisa específico. Para obter relatórios de estudos controlados randomizados, os autores podem consultar as recomendações CONSORT <http://www.consort-statement.org/>

## Requisitos Técnicos

**a)** Arquivos em Word, formato de página A4 (212 X 297mm), digitado em espaço simples, fonte Arial, tamanho 12, margens superior, inferior, direita e esquerda de 2,5 cm, com páginas numeradas em algarismos arábicos, na sequência: página de título, resumo, descritores, abstract, keywords, texto, agradecimentos, referências, tabelas ou figuras com as respectivas legendas.

O manuscrito deve ter até 15 páginas, digitadas em espaço simples (conta-se da introdução até antes das referências), máximo de 10 tabelas (ou figuras). Gráficos, fotografias e ilustrações se caracterizam como figuras. Questionários podem vir como Anexo e devem, necessariamente, estar em formato de quadro.

**b)** permissão para reprodução do material fotográfico do paciente ou retirado de outro autor, quando houver; anexando cópia do “Consentimento Livre e Esclarecido”, constando a aprovação para utilização das imagens em periódicos científicos.

**c)** aprovação do *Comitê de Ética em Pesquisa* (CEP), quando referente a pesquisas com seres humanos. É obrigatória a apresentação do número do protocolo de aprovação da Comissão de Ética da instituição onde a pesquisa foi realizada, assim como a informação quanto à assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, por todos os sujeitos envolvidos ou seus responsáveis (*Resolução MS/CNS/CNEP nº 196/96 de 10 de outubro de 1996*).

**d)** carta assinada por todos os autores no Termo de Responsabilidade em que se afirme o ineditismo do trabalho assim como a responsabilidade pelo conteúdo enviado, garantindo que o artigo nunca foi publicado ou enviado a outra revista, reservando o direito de exclusividade à Revista CEFAC e autorizando a adequação do texto ao formato da revista, preservando seu conteúdo. A falta de assinatura será interpretada como desinteresse ou desaprovação à publicação, determinando a exclusão editorial do nome da pessoa da relação dos autores. Todas as pessoas designadas como autores devem ter participado suficientemente no trabalho para assumir responsabilidade pública pelo seu conteúdo. O crédito de autoria deve ser baseado somente em: 1) contribuições substanciais para a concepção e delineamento, coleta de dados ou análise e interpretação dos dados; 2) redação ou revisão crítica do artigo em relação a conteúdo intelectualmente importante; 3) aprovação final da versão a ser publicada.

Os editores podem solicitar justificativas quando o total de autores exceder a oito. Não será permitida a inclusão de um novo autor após o recebimento da primeira revisão feita pelos pareceristas.

#### **Termo de Responsabilidade – Modelo**

*Nós, (Nome(s) do(s) autor(es) com, RG e CPF), nos responsabilizamos pelo conteúdo e autenticidade do trabalho intitulado \_\_\_\_\_ e declaramos que o referido artigo nunca foi publicado ou enviado a outra revista, tendo a Revista CEFAC direito de exclusividade sobre a comercialização, edição e publicação seja impresso ou on line na Internet. Autorizamos os editores a realizarem adequação de forma, preservando o conteúdo.*

*Data, Assinatura de todos os Autores*

#### **Preparo do Manuscrito**

**1. Página de Identificação:** deve conter: **a)** título do manuscrito em Português (ou Espanhol) e Inglês, que deverá ser conciso, porém informativo; **b)** título resumido com até 40 caracteres, incluindo os espaços, em Português, Inglês ou em Espanhol; **c)** nome completo dos autores numerados, assim como profissão, cargo, afiliação acadêmica ou institucional e maior titulação acadêmica, sigla da instituição, cidade, estado e país; **d)** nome, endereço completo, fax e e-mail do autor responsável e a quem deve ser encaminhada a correspondência; **e)** indicar a área: Linguagem, Motricidade Orofacial, Voz, Audiologia, Saúde Coletiva, Disfagia, Fonoaudiologia Escolar, Fonoaudiologia Geral e Temas de Áreas Correlatas a que se aplica o trabalho; **f)** identificar o tipo de manuscrito: artigo original de pesquisa, artigo de revisão de literatura, comunicação breve, relatos de casos clínicos; **g)** citar fontes de auxílio à pesquisa ou indicação de financiamentos relacionados ao trabalho assim como conflito de interesse (caso não haja colocar inexistentes).

Em síntese. *Título do manuscrito:* em português ou espanhol e em inglês.

*Título resumido:* até 40 caracteres em português, espanhol ou em inglês.

*Autor Principal (1), Primeiro Co-Autor (2)...*

(1) *profissão, cargo, afiliação acadêmica ou institucional, sigla da Instituição, Cidade, Estado, País; maior titulação acadêmica.*

(2) *profissão, cargo, afiliação acadêmica ou institucional, sigla da Instituição, Cidade, Estado, País; maior titulação acadêmica.*

*Nome, endereço, telefone, fax e e-mail do autor responsável.*

*Área:*

*Tipo de manuscrito:*

*Fonte de auxílio:*

*Conflito de Interesse:*

**2. Resumo e descritores:** a segunda página deve conter o resumo, em português (ou espanhol) e em inglês, com no máximo **250 palavras**. Deverá ser estruturado conforme o tipo de trabalho, descrito acima, em português e em inglês. O resumo tem por objetivo fornecer uma visão clara das principais partes do trabalho, ressaltando os dados mais significantes, aspectos novos do conteúdo e conclusões do trabalho. Não devem ser utilizados símbolos, fórmulas, equações e abreviaturas. Abaixo do *resumo/abstract*, especificar os *descritores/keywords* que definam o assunto do trabalho: no mínimo três e no máximo seis. Os descritores deverão ser baseados no *DeCS (Descritores em Ciências da Saúde)* publicado pela Bireme, que é uma tradução do *MeSH (Medical Subject Headings)* da *National Library of Medicine* e disponível no endereço eletrônico: <http://www.bireme.br>, seguir para: terminologia em saúde – consulta ao *DeCS*; ou diretamente no endereço: <http://decs.bvs.br>. Deverão ser utilizados sempre os descritores exatos. No caso de Ensaio Clínico, abaixo do Resumo, indicar o número de registro na base de Ensaio Clínico (<http://clinicaltrials.gov>).

**3. Texto:** deverá obedecer à estrutura exigida para cada tipo de trabalho. Abreviaturas devem ser evitadas. Quando necessária a utilização de siglas, as mesmas devem ser precedidas pelo referido termo na íntegra em sua primeira aparição no texto. Os trabalhos devem estar referenciados no texto, em ordem de entrada sequencial numérica, com algarismos arábicos, sobrescritos, evitando indicar o nome dos autores.

A Introdução deve conter dados que direcionem o leitor ao tema, de maneira clara e concisa, sendo que os objetivos devem estar claramente expostos no último parágrafo da Introdução. Por exemplo: O (s) objetivo (s) desta pesquisa foi (foram).... O Método deve estar detalhadamente descrito. O primeiro parágrafo deve iniciar pela aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o respectivo número de protocolo. Os critérios de inclusão e de exclusão devem estar especificados na casuística. Os procedimentos devem estar claramente descritos de forma a possibilitar réplica do trabalho ou total compreensão do que e como foi realizado. Protocolos relevantes para a compreensão do método devem ser incorporados à metodologia no final deste item e não como anexo, devendo constar o pressuposto teórico que a pesquisa se baseou (protocolos adaptados de autores, baseados ou utilizados na íntegra, etc.). No último parágrafo deve constar o tipo de análise estatística utilizada, descrevendo-se os testes utilizados e o valor considerado significativo. No caso de não ter sido utilizado teste de hipótese, especificar como os resultados serão apresentados.

Os Resultados podem ser expostos de maneira descritiva, por tabelas ou figuras (gráficos, quadros, fotografias e ilustrações são chamados de figuras) escolhendo-se as que forem mais convenientes. Solicitamos que os dados apresentados não sejam repetidos em gráficos ou em texto.

**4. Notas de rodapé:** não deve haver notas de rodapé. Se a informação for importante para a compreensão ou para a reprodução do estudo, a mesma deverá ser incluída no corpo do artigo.

**5. Agradecimentos:** inclui colaborações de pessoas que merecem reconhecimento, mas que não justificam a inclusão como autores; agradecimentos por apoio financeiro, auxílio técnico, entre outros.

**6. Referências Bibliográficas:** a apresentação deverá estar baseada no formato denominado “*Vancouver Style*”, conforme exemplos abaixo, e os títulos de periódicos deverão ser abreviados de acordo com o estilo apresentado pela *List of Journal Indexed in Index Medicus*, da *National Library of Medicine* e disponibilizados no endereço: <http://nlmpubs.nlm.nih.gov/online/journals/ljweb.pdf>

Devem ser numeradas consecutivamente, na mesma ordem em que foram citadas no texto e identificadas com números arábicos sobrescritos. Se forem sequenciais, precisam ser separadas por hífen. Se forem aleatórias, a separação deve ser feita por vírgulas.

Referencia-se o(s) autor(es) pelo seu sobrenome, sendo que apenas a letra inicial é em maiúscula, seguida do(s) nome(s) abreviado(s) e sem o ponto.

Para todas as referências, cite todos os autores até seis. Acima de seis, cite os seis primeiros, seguidos da expressão *et al.*

Comunicações pessoais, trabalhos inéditos ou em andamento poderão ser citados quando absolutamente necessários, mas não devem ser incluídos na lista de referências bibliográficas; apenas citados no texto.

#### *Artigos de Periódicos*

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Data, ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

**Ex.: Shriberg LD, Flipsen PJ, Thielke H, Kwiatkowski J, Kertoy MK, Katcher ML et al. Risk for speech disorder associated with early recurrent otitis media with effusions: two retrospective studies. J Speech Lang Hear Res. 2000;43(1):79-99.**

**Observação:** Quando as páginas do artigo consultado apresentarem números coincidentes, eliminar os dígitos iguais. Ex: p. 320-329; usar 320-9.

**Ex.:** Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. N Engl J Med. 2002Jul;25(4):284-7.

#### *Ausência de Autoria*

Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

**Ex.:** Combating undernutrition in the Third World. Lancet.1988;1(8581):334-6.

#### *Livros*

Autor(es) do livro. Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

**Ex.:** Murray PR, Rosenthal KS, Kobayashi GS, Pfaller MA. Medical microbiology. 4th ed. St. Louis: Mosby; 2002.

#### *Capítulos de Livro*

Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. “In”: nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do capítulo.

**Ex.:** Meltzer PS, Kallioniemi A, Trent JM. Chromosome alterations in human solid tumors. In: Vogelstein B, Kinzler KW, editors. The genetic basis of human cancer. New York: McGraw-Hill; 2002. p. 93-113.

**Observações:** Na identificação da cidade da publicação, a sigla do estado ou província pode ser também acrescentada entre parênteses. Ex.: Berkeley (CA); e quando se tratar de país pode ser acrescentado por extenso. Ex.: Adelaide (Austrália);

Quando for a primeira edição do livro, não há necessidade de identificá-la. A indicação do número da edição será de acordo com a abreviatura em língua portuguesa. Ex.: 4ª ed.

*Anais de Congressos*

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho. Título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

**Ex.:** Harnden P, Joffe JK, Jones WG, editors. Germ cell tumours V. Proceedings of the 5th Germ Cell Tumour Conference; 2001 Sep 13-15; Leeds, UK. New York: Springer; 2002.

*Trabalhos apresentados em congressos*

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. "In": editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do trabalho.

**Ex.:** Christensen S, Oppacher F. An analysis of Koza's computational effort statistic for genetic programming. In: Foster JA, Lutton E, Miller J, Ryan C, Tettamanzi AG, editors. Genetic programming. EuroGP 2002: Proceedings of the 5th European Conference on Genetic Programming; 2002 Apr 3-5; Kinsdale, Ireland. Berlin: Springer; 2002. p. 182-91.

*Dissertação, Tese e Trabalho de Conclusão de curso*

Autor. Título do trabalho [tipo do documento]. Cidade da instituição (estado): instituição; Ano de defesa do trabalho.

**Ex.:** Borkowski MM. Infant sleep and feeding: a telephone survey of Hispanic Americans [dissertation]. Mount Pleasant (MI): Central Michigan University; 2002.

**Ex.:** Tannouril AJR, Silveira PG. Campanha de prevenção do AVC: doença carotídea extracerebral na população da grande Florianópolis [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Medicina. Departamento de Clínica Médica; 2005.

**Ex.:** Cantarelli A. Língua: que órgão é este? [monografia]. São Paulo (SP): CEFAC – Saúde e Educação; 1998.

*Material Não Publicado (No Prelo)*

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Indicar no prelo e o ano provável de publicação após aceite.

**Ex.:** Tian D, Araki H, Stahl E, Bergelson J, Kreitman M. Signature of balancing selection in Arabidopsis. Proc Natl Acad Sci USA. No prelo 2002.

*Material Audiovisual*

Autor(es). Título do material [tipo do material]. Cidade de publicação: Editora; ano.

**Ex.:** Marchesan IQ. Deglutição atípica ou adaptada? [Fita de vídeo]. São Paulo (SP): Pró-Fono Departamento Editorial; 1995. [Curso em Vídeo].

*Documentos eletrônicos*

ASHA: American Speech and Hearing Association. Otitis media, hearing and language development. [cited 2003 Aug 29]. Available from: [http://asha.org/consumers/brochures/otitis\\_media.htm.2000](http://asha.org/consumers/brochures/otitis_media.htm.2000)

*Artigo de Periódico em Formato Eletrônico*

Autor do artigo(es). Título do artigo. Título do periódico abreviado [periódico na Internet]. Data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]; volume (número): [número de páginas aproximado]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

**Ex.:** Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [serial on the Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 3 p.]. Available from:<http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>

#### *Monografia na Internet*

Autor(es). Título [monografia na Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

**Ex.:** Foley KM, Gelband H, editores. Improving palliative care for cancer [monografia na Internet]. Washington: National Academy Press; 2001 [acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.nap.edu/books/0309074029/html/>

#### *Cd-Rom, DVD, Disquete*

Autor (es). Título [tipo do material]. Cidade de publicação: Produtora; ano.

**Ex.:** Anderson SC, Poulsen KB. Anderson’s electronic atlas of hematology [CD-ROM]. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2002.

#### *Homepage*

Autor(es) da homepage (se houver). Título da homepage [homepage na Internet]. Cidade: instituição; data(s) de registro\* [data da última atualização com a expressão “atualizada em”; data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

**Ex.:** Cancer-Pain.org [homepage na Internet]. New York: Association of Cancer Online Resources, Inc.; c2000-01 [atualizada em 2002 May 16; acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.cancer-pain.org/>

#### *Bases de dados na Internet*

Autor(es) da base de dados (se houver). Título [base de dados na Internet]. Cidade: Instituição. Data(s) de registro [data da última atualização com a expressão “atualizada em” (se houver); data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

**Ex.:** Jablonski S. Online Multiple Congenital Anomaly/Mental Retardation (MCA/MR) Syndromes [base de dados na Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US). 1999 [atualizada em 2001 Nov 20; acesso em 2002 Aug 12]. Disponível em: [http://www.nlm.nih.gov/mesh/jablonski/syndrome\\_title.html](http://www.nlm.nih.gov/mesh/jablonski/syndrome_title.html)

**7. Tabelas:** cada tabela deve ser enviada em folha separada após as referências bibliográficas. Devem ser autoexplicativas, dispensando consultas ao texto ou outras tabelas e numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. Devem conter título na parte superior, em caixa alta, sem ponto final, alinhado pelo limite esquerdo da tabela, após a indicação do número da tabela. Abaixo de cada tabela, no mesmo alinhamento do título, devem constar a legenda, testes estatísticos utilizados (nome do teste e o valor de p), e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). O traçado deve ser simples em negrito na linha superior, inferior e na divisão entre o cabeçalho e o conteúdo. Não devem ser traçadas linhas verticais externas; pois estas configuram quadros e não tabelas.

**8. Figuras (gráficos, fotografias, ilustrações):** cada figura deve ser enviada em folha separada após as referências bibliográficas. Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no

texto. As legendas devem ser apresentadas de forma clara, descritas abaixo das figuras, fora da moldura. Na utilização de testes estatísticos, descrever o nome do teste, o valor de p, e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). Os gráficos devem, preferencialmente, ser apresentados na forma de colunas. No caso de fotos, indicar detalhes com setas, letras, números e símbolos, que devem ser claros e de tamanho suficiente para comportar redução. Deverão estar no formato JPG (Graphics Interchange Format) ou TIF (Tagged Image File Formatt), em alta resolução (mínimo 300 dpi) para que possam ser reproduzidas. Reproduções de ilustrações já publicadas devem ser acompanhadas da autorização da editora e autor. Todas as ilustrações deverão ser em preto e branco.

**9. Análise Estatística:** os autores devem demonstrar que os procedimentos estatísticos utilizados foram não somente apropriados para testar as hipóteses do estudo, mas também corretamente interpretados. Os níveis de significância estatística (ex.:  $p < 0,05$ ;  $p < 0,01$ ;  $p < 0,001$ ) devem ser mencionados.

**10. Abreviaturas e Siglas:** devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Nas legendas das tabelas e figuras devem ser acompanhadas de seu nome por extenso. Quando presentes em tabelas e figuras, as abreviaturas e siglas devem estar com os respectivos significados nas legendas. Não devem ser usadas no título e no resumo.

**11. Unidades:** valores de grandezas físicas devem ser referidos nos padrões do Sistema Internacional de Unidades, disponível no endereço: <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>.

#### DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS – MODELO

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.  
(Cidade, dia, mês, ano)

Eu, \_\_\_\_\_(nome completo), \_\_\_\_\_  
(profissão), portador(a) da cédula de identidade RG no. \_\_\_\_\_, declaro  
para os devidos fins que o artigo intitulado  
\_\_\_\_\_, a ser publicado na REVISTA CEFAC - Speech, Language, Hearing  
Sciences and Education Journal, foi por mim revisado. Desta forma, atesto a  
qualidade da redação do manuscrito.

\_\_\_\_\_  
(assinatura)

#### DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE INGLÊS – MODELO

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.  
(Cidade, dia, mês, ano)

Eu, \_\_\_\_\_(nome completo), \_\_\_\_\_  
(profissão), portador(a) da cédula de identidade RG no. \_\_\_\_\_, declaro  
para os devidos fins que o artigo intitulado  
\_\_\_\_\_, a ser publicado na REVISTA CEFAC - Speech, Language, Hearing  
Sciences and Education Journal, foi por mim revisado. Desta forma, atesto a

correspondência entre as versões em português e em inglês bem como a qualidade da redação do manuscrito.

---

(assinatura)

**Envio de manuscritos**

Os documentos deverão ser enviados à **REVISTA CEFAC – ATUALIZAÇÃO CIENTÍFICA EM FONOAUDIOLOGIA E EDUCAÇÃO**, de forma eletrônica: <http://www.revistacefac.com.br>; contato: [revistacefac@cefac.br](mailto:revistacefac@cefac.br), em arquivo Word anexado.

**As confirmações de recebimento, contatos e quaisquer outras correspondências deverão ser encaminhados à Revista por e-mail.**